pandêmico foi observado apenas após a viagem e em 29 apenas antes da viagem.

Conclusão: Apesar de antes da viagem clones pandêmicos já serem detectados na microbiota de viajantes, as viagens podem causar impacto na circulação de clones de alto risco ao redor do planeta. Para conhecer melhor a dinâmica de aquisição desses clones planejamos expandir a investigação do número de clones estudados e selecionar amostras para sequenciamento de genoma completo.

Palavras-chave: Clones pandêmicos Escherichia coli Viajantes ESBL

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103543

INFECÇÃO POR BARTONELA SPP. EM PACIENTES COM REAÇÕES HANSÊNICAS TIPO 1 POR MAIS DE SEIS MESES

Luciene Silva dos Santos[a,*], Lais Bomediano Souza[a], Andrea Fernandes Eloy da Costa França[a], Isabela Maria Bernardes Goulart[b], Marina Rovani Drummond[a], Paulo Eduardo Neves Ferreira Velho[a]

[a] *Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil;*
[b] *Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil*

Introdução: As reações hansênicas são fenômenos agudos e comumente autolimitados, apresentando uma exacerbação inflamatória do hospedeiro aos antígenos dos agentes hansênicos, Mycobacterium leprae e Mycobacterium lepromatosis. Essas reações podem ser classificadas como tipo 1 (RT1) – geralmente chamadas de reações reversas – e tipo 2 (RT2), muitas vezes expressas clinicamente como eritema nodoso hansênico (ENH). Clinicamente, os RT1 surgem com novas lesões cutâneas e/ou agravamento das pré-existentes, agravamento do quadro neurológico sensitivo e motor, intensificação da dor em nervos periféricos e/ou edema de pés e mãos. A RT1, assim como a RT2, pode ser desencadeada por diversos fatores: vacinas, gravidez, puerpério, quimioterapia, infestações e infecções. Assim, infecções – mesmo que assintomáticas – devem ser investigadas como fatores de risco para o desenvolvimento, agravamento ou manutenção de RT1. Estudos recentes associaram a infecção por Bartonella henselae com RT2 crônico.

Objetivo: Avaliar a ocorrência de Bartonella spp. Detecção em pacientes com RT1 há mais de seis meses e comparar a prevalência com o estudo análogo em pacientes com RT2.

Métodos: Foram utilizados métodos microbiológicos e moleculares para detectar o DNA de Bartonella henselae em pacientes com RT1 há mais de seis meses, acompanhados no Centro de Referência Nacional em Dermatologia Sanitária e Hanseníase do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia.

Resultados: O DNA de B. henselae foi detectado em seis dos 14 pacientes (42,9%) do grupo de estudo. Todos os pacientes com detecção de DNA nas reações apresentaram pelo menos uma reação espécie-específica para B. henselae. Foi possível obter isolados de dois pacientes.

Conclusão: As reações hansênicas são muitas vezes difíceis de controlar. Encontrar o fator desencadeante ou mantenedor das reações é muito importante para minimizar a morbidade dos pacientes e prevenir sequelas, tão comuns e graves, em pacientes com neurite reacional tanto de RT1 quanto de RT2. Com base neste estudo piloto, é possível concluir que pacientes com RT1 há mais de seis meses têm detecção de DNA de B. henselae na mesma proporção que pacientes com RT2 crônico. Assim, todos os pacientes com reações hansênicas crônicas devem ser investigados quanto à infecção por essas bactérias.

Palavras-chave: Bartonella Coinfecção Hanseníase

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103544

INFLUÊNCIA DO POLIMORFISMO (-G308A) TNF-A EM ESQUISTOSSOMÓTICOS NO SEGUIMENTO DOS DIÂMETROS DO BAÇO E VEIA PORTA, 2 ANOS APÓS TRATAMENTO ESPECÍFICO

Thaysa Carolina Gonçalves Silva[a,*], Aline de Melo Silva[b], Ana Risoflora Alves de Azevedo[b], Elker Lene Santos de Lima[c], Maria Tereza Cartaxo Muniz[d], Amanda Gabriela da Silva[a], Caroline Louise Diniz Pereira[a], Ana Lúcia Coutinho Domingues[a], Edmundo Pessoa de Almeida Lopes[a], Paula Carolina Valença Silva[b]

[a] *Programa de Pós Graduação em Medicina Tropical, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil;*
[b] *Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil;*
[c] *Laboratório de Biologia Molecular, Centro de Oncohematologia Pediátrica, Hospital Universitário Oswaldo Cruz, Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, PE, Brasil;*
[d] *Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, PE, Brasil*

Introdução/objetivo: O aumento dos diâmetros do baço e veia porta são sinais de hipertensão portal, que ocorre em esquistossomóticos com fibrose periportal (FPP) avançada. As variantes genotípicas do gene Fator de Necrose Tumoral (TNF-α) estão associadas com casos mais graves de FPP, sendo assim, o objetivo deste estudo foi investigar associação entre o polimorfismo genético (-G308A) TNF-α e os diâmetro do baço e de veia porta antes do primeiro tratamento específico para Esquistossomose Mansoni e durante os 2 anos subsequentes, em indivíduos com Esquistossomose Mansoni atendidos no ambulatório de Gastroenterologia no Hospital das Clínicas de Pernambuco.

Métodos: Trata-se de uma coorte retrospectiva, onde foram arrolados 124 indivíduos infectados com Schistosoma mansoni, com idade igual ou maior de 18 anos, todos avaliados por Ultrassonografia (US) de abdome, pelo mesmo examinador, para presença de FPP. Os pacientes procedentes de Pernambuco, endêmico para Esquistossomose Mansoni e